

INVENTÁRIO DOS ESTILOS DE APRENDIZAGEM: UM ESTUDO COM JOVENS APRENDIZES NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Nahuan Alaff Virgino Soares ¹ | <https://orcid.org/0000-0002-5185-9072>
Amanda Costa Venancio Da Silva ¹ | <https://orcid.org/0009-0007-7982-4318>
Maria Karoliny Silva dos Santos ¹ | <https://orcid.org/0009-0001-1847-9588>
Maria Clara Carvalho da Silva ¹ | <https://orcid.org/0009-0009-9158-1384>

Submetido: 25/04/2025 | Aprovado: 27/04/2025 | Publicado: 04/09/2026

Editora associada: Dra. Vera Lúcia Cruz

DOI: <http://dx.doi.org/10.18265/2526-2289a2026id9015>

Resumo

O artigo investiga os estilos de aprendizagem de estudantes da educação profissional e tecnológica, com foco nas dimensões propostas por Kolb (1984). A pesquisa utiliza uma abordagem quantitativa, com a aplicação do Questionário de Estilos de Aprendizagem, para analisar as preferências dos alunos em relação às quatro dimensões: Observação Reflexiva, Experimentação Ativa, Conceitualização Abstrata e Experiência Concreta. Os resultados indicam uma predominância das dimensões Observação Reflexiva e Experimentação Ativa, sugerindo uma forte tendência dos estudantes para a análise crítica e a aplicação prática dos conteúdos. A pesquisa também destaca a relevância de metodologias ativas, como a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP), que favorecem a aprendizagem ativa e a colaboração, alinhando-se aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, como o ODS 4 (Educação de Qualidade) e o ODS 8 (Trabalho Decente e Crescimento Econômico). As implicações práticas sugerem que os docentes devem integrar atividades que promovam tanto a reflexão quanto a ação prática, além de personalizar o ensino, respeitando os diferentes estilos de aprendizagem dos alunos. Conclui-se que a consideração dos estilos de aprendizagem no planejamento pedagógico é fundamental para a inclusão, a equidade e o desenvolvimento de competências socioemocionais, preparando os estudantes para os desafios do mercado de trabalho.

Palavras-chave: Educação Profissional; Estilos de Aprendizagem; Jovens Aprendizes; Educação de Qualidade

LEARNING STYLES INVENTORY: A STUDY WITH YOUNG APPRENTICES IN VOCATIONAL EDUCATION

Abstract

The article investigates the learning styles of students in vocational and technological education, focusing on the dimensions proposed by Kolb (1984). The research uses a quantitative approach, applying the Learning Styles Questionnaire to analyze students' preferences in relation to the four dimensions: Reflective Observation, Active Experimentation, Abstract Conceptualization, and Concrete Experience. The results indicate a predominance of the Reflective Observation and Active Experimentation dimensions, suggesting a strong tendency among students for critical analysis and practical application of content. The study also highlights the relevance of active methodologies, such as Project-Based Learning (PBL), which favor active learning and collaboration, aligning with the UN's Sustainable Development Goals, such as SDG 4 (Quality Education) and SDG 8 (Decent Work and Economic Growth). Practical implications suggest that educators should integrate activities that promote both reflection and practical action, as well as personalize teaching to respect students' diverse learning styles. The conclusion emphasizes that considering learning styles in pedagogical planning is essential for inclusion, equity, and the development of socio-emotional skills, preparing students for the challenges of the labor market.

Keywords: Vocational Education; Learning Styles; Young Apprentices; Quality Education

¹ Universidade Federal da Paraíba (IFPB)

1 INTRODUÇÃO

O Programa Nacional de Aprendizagem é uma política pública criada pelo governo federal brasileiro que visa inserir jovens maiores de 14 anos no mercado de trabalho. Por meio dessa iniciativa, busca-se promover oportunidades que conciliam estudo e trabalho, respeitando as exigências das leis trabalhistas. Empresas, de acordo com a legislação vigente, são obrigadas a contratar jovens aprendizes com base na quantidade de colaboradores que possuem, permitindo que os jovens desenvolvam competências teóricas e práticas em um ambiente que conecta educação e trabalho (Andrade; Santos; Jesus, 2016).

Nesse cenário, as instituições de ensino profissionalizante desempenham um papel fundamental ao formar jovens capacitados e confiantes para o mercado de trabalho. Ao oferecer uma educação que articula teoria e prática, essas instituições possibilitam a inserção de profissionais preparados para atender às demandas do mercado, contribuindo para a qualidade dos bens e serviços oferecidos à sociedade (Macedo; Osório, 2023).

A Teoria da Aprendizagem Experiencial de Kolb (1984) compreende a aprendizagem como um processo cíclico e define quatro estilos principais. O estilo Convergente caracteriza-se pela combinação entre abstração e ação prática, com foco na resolução de problemas e na aplicação objetiva de ideias. O estilo Divergente privilegia a vivência e a observação reflexiva, destacando-se pela capacidade de analisar situações sob múltiplas perspectivas. O estilo Assimilador enfatiza a análise lógica e a reflexão, sendo orientado à compreensão conceitual e à construção de modelos teóricos. Por sua vez, o estilo Acomodador está associado à experimentação ativa, ao aprendizado pela ação e pela tentativa e erro.

Apesar da ampla utilização do modelo de Kolb em pesquisas educacionais, observa-se que a maior parte dos estudos se concentra no ensino superior e em contextos acadêmicos tradicionais. No âmbito da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), especialmente na formação de jovens aprendizes, ainda são escassas as investigações empíricas que mapeiam os estilos de aprendizagem e analisam suas implicações para o planejamento pedagógico e para as práticas educativas orientadas às demandas do mundo do trabalho, configurando uma lacuna relevante na literatura.

Assim, a teoria de aprendizagem experiencial de Kolb (1984) surge como uma importante ferramenta para a EPT. Seu modelo, amplamente utilizado em diferentes contextos educacionais, define o estilo de aprendizagem como uma configuração consistente derivada das interações entre o indivíduo e o ambiente. Isso permite compreender como os alunos aprendem e desenvolver práticas pedagógicas mais eficazes (Kolb, 1984).

Azevedo e Zampa (2021), apontam que os fundamentos teóricos de Kolb, quando aplicados no contexto da EPT, oferecem grande potencial para a formação integral dos alunos. Ao integrar a teoria e a prática, o modelo contribui para o desenvolvimento amplo e emancipatório do estudante, alinhado aos objetivos de uma educação que valoriza o trabalho como instrumento de transformação humana (Azevedo; Zampa, 2021). Nesse sentido, a identificação e utilização dos estilos de aprendizagem podem se tornar uma estratégia dinâmica e inovadora no ensino, contribuindo para currículos e metodologias mais adaptados às singularidades e necessidades dos estudantes (Cerqueira, 2008).

Ainda no campo da educação profissional, a avaliação da aprendizagem também exerce um papel central no processo formativo. Quando planejada e conduzida de forma estratégica, a avaliação permite conhecer o perfil dos estudantes e articular as bases científicas e tecnológicas que fundamentam suas atividades laborais. Essa abordagem mediadora possibilita uma formação que considera os aspectos históricos e sociais da atividade laboral, promovendo um aprendizado que vai além da mera instrução técnica (Raymundo; Raitz; Gesser, 2020).

Pesquisas reforçam o potencial dos estilos de aprendizagem como instrumento teórico e prático na EPT. Condé, Nascimento e Baldo (2024) evidenciam que a utilização do modelo de Kolb, articulado a metodologias ativas, contribui para o planejamento pedagógico e para a qualificação docente, enquanto Ito *et al.* (2024) avançam ao propor ferramentas diagnósticas que possibilitam a identificação dos estilos de aprendizagem e a personalização do ensino. Em conjunto, esses estudos indicam que o mapeamento dos estilos de aprendizagem não apenas aprofunda a compreensão teórica do processo educativo, mas também subsidia decisões gerenciais e políticas públicas voltadas à promoção de práticas pedagógicas mais inclusivas e alinhadas às demandas do mundo do trabalho.

Diante desse contexto, este artigo tem como objetivo mapear os estilos de aprendizagem de jovens aprendizes em uma escola profissionalizante na Paraíba, segundo o método de Kolb (1984), a fim de analisar suas implicações para o planejamento pedagógico, a escolha de metodologias ativas e o aprimoramento das práticas educacionais na Educação Profissional e Tecnológica. A escolha do tema justifica-se pela relevância de alinhar práticas pedagógicas à Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), que destaca, entre suas metas, a necessidade de garantir uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade, promovendo oportunidades de aprendizado ao longo da vida para todos. Ao entender os estilos de aprendizagem, espera-se contribuir para a formação de cidadãos críticos, capazes de atuar de

forma autônoma e adaptável no mercado de trabalho, colaborando para o desenvolvimento sustentável.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 BREVE HISTÓRICO DOS PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM NO BRASIL

A história dos programas de aprendizagem no Brasil está conectada à evolução das políticas de educação profissional e ao reconhecimento da importância da capacitação para o mercado de trabalho. A legislação brasileira tem sido imprescindível para o crescimento desses programas, promovendo a inclusão dos jovens na área de trabalho e sua formação. Segundo Nascimento (2012), a educação profissional e tecnológica surgiu no Brasil em 1809, quando foi criado o Colégio das Fábricas, porém, devido a sociedade escravocrata que era estabelecida na época, esse primeiro movimento não teve êxito. Apenas em 1909 ocorreu o primeiro movimento relevante para a ETP, com criação de dezenove Escolas de Aprendizes e Artífices, cujo objetivo era capacitar jovens em situação de vulnerabilidade social.

O conceito da educação profissionalizante no Brasil, foi enraizado no início do século XX, causado pela revolução industrial, se consolidou pela necessidade de produção e a escassez de mão de obra. De acordo com Lima (2022) ao longo da história, as relações entre trabalho e educação vão se dando sempre de acordo com o modo de produção.

A criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) em 1942 foi um marco na institucionalização dos programas de aprendizagem no Brasil. O SENAI, junto com outras instituições como o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e o Serviço Social da Indústria (SESI), passou a desempenhar papel fundamental na educação e na qualificação profissional, com foco na capacitação da juventude para o mercado. Lima et al. (2022) aponta que o novo sistema de ensino surgiu como resposta à ineficiência do poder público em expandir o ensino secundário profissionalizante. Pressionada pela necessidade de formar trabalhadores de maneira mais rápida, a indústria criou um sistema paralelo ao oficial, organizado em convênio com a Confederação Nacional das Indústrias (CNI).

A legislação brasileira relacionada aos programas de aprendizagem passou por diversas mudanças ao longo das décadas, refletindo a evolução das políticas públicas externas para a educação e o trabalho. Em 2000, a Lei nº 10.097 impôs a obrigatoriedade das empresas de contratar aprendizes, priorizando a inclusão do jovem no mercado de trabalho com foco na

educação. Conforme Bertaiolli (2021), o programa teve como principal objetivo incentivar a formação profissional inicial e continuada aos jovens de baixa renda.

Assim, a Lei da Aprendizagem (Lei nº 10.097/2000) define os critérios para a formação do jovem aprendiz, estabelecendo que as empresas com mais de sete funcionários devem contratar aprendizes, garantindo uma jornada de trabalho reduzida e a inclusão do aprendiz em cursos de formação profissional. De acordo com Bertaiolli (2021), podem se inscrever como entidades certificadoras os Serviços Nacionais de Aprendizagem, Escolas Técnicas de Educação, Entidades sem fins lucrativos que tenham por objetivo a assistência ao adolescente e a educação profissional e Entidades de prática desportiva.

Os programas de aprendizagem no Brasil têm sido um mecanismo importante na formação e na inclusão de jovens no mercado de trabalho, com destaque para a legislação que garante direitos trabalhistas e educacionais. No entanto, o êxito desses programas depende da eficácia da implementação das leis, da parceria entre as empresas, as instituições educacionais e o governo, e da ampliação do acesso a esses programas para toda a população jovem. Dessa forma, os métodos educacionais empregados na formação técnica precisam ser direcionados à aplicação imediata de habilidades. A integração desses métodos ao ciclo de Kolb pode maximizar a eficácia do aprendizado. De acordo com Azevedo e Zampa (2021), a teoria de Kolb no âmbito educacional diferencia-se de teorias racionalistas, que enfatizam a aquisição, manipulação e uso de símbolos abstratos, e de teorias comportamentais de aprendizado, que recusam qualquer função à consciência e à experiência subjetiva no processo de aprendizado (Kolb, 1984).

Azevedo e Zampa (2021) também destacam que essa abordagem intenciona direcionar o professor no sentido de qual caminho percorrer, a fim de oportunizar o desenvolvimento de competências e habilidades, proporcionando uma aprendizagem que tenha significado. Além disso, os autores explicam que a sequência didática (SD) deve permitir, tanto ao professor quanto ao aluno, a possibilidade de vislumbrar os objetivos que se pretende alcançar.

Os jovens que ingressam na formação técnica enfrentam diversos desafios, como a dificuldade em conectar teoria e prática, a adaptação a diferentes estilos de aprendizagem, a escassez de recursos e infraestrutura. Para superar esses obstáculos, é essencial que os métodos educacionais empregados sejam eficazes, contextualizados e alinhados às necessidades dos estudantes.

2.2 MÉTODO DE APRENDIZAGEM EXPERIENCIAL DE KOLB

Jacobsohn (2003) aborda que os estilos de aprendizagem podem mudar com o decorrer do tempo e ressalta que cada indivíduo tem sua maneira singular de aprender, portanto, o método aplicado a uma pessoa não significa que atenderá a outra. Esse objeto de estudo, incentivou vários teóricos definições sobre aprendizagem e estudar sobre o processo de aprendizagem, entre eles o americano David Kolb, que buscou compreender o processo da aprendizagem fundamentada na própria experiência, nomeando-a como Teoria da Aprendizagem Experiencial (TAE). Segundo Kolb (1984), o conhecimento é criado a partir da transformação contínua da experiência, destacando-se como um processo dinâmico que envolve a recriação constante. A aprendizagem, nesse contexto, atua transformando a experiência tanto em seus aspectos objetivos quanto subjetivos, sendo fundamental compreender a relação entre aprendizagem e desenvolvimento para entender a essência de ambos. Nesse contexto, de acordo com a teoria de Kolb, o processo de construção do conhecimento acontece por meio do ciclo de aprendizagem experiencial, que abrange quatro estilos principais: Experiência Concreta (EC), Observação Reflexiva (OR), Conceitualização Abstrata (CA) e Experimentação Ativa (EA).

Na Experiência Concreta, o foco recai sobre vivências pessoais e emoções, priorizando sentimentos em detrimento do pensamento. Indivíduos com essa abordagem tendem a tomar decisões de forma intuitiva, adaptam-se bem a mudanças e dão grande importância às relações interpessoais. Já na Observação Reflexiva, prevalece a análise cuidadosa e a investigação sobre como as coisas funcionam, destacando-se a reflexão em vez da aplicação prática. Pessoas com essa orientação costumam avaliar as situações sob diferentes perspectivas, valorizam a paciência e têm um julgamento imparcial.

A Conceitualização Abstrata, por sua vez, dá ênfase ao raciocínio lógico e à resolução de problemas com base no planejamento sistemático, preferindo o pensamento em relação aos sentimentos. Aqueles que seguem esse estilo prezam pela organização, precisão e rigor na análise de situações. Por fim, na Experimentação Ativa, a prática é central, priorizando o "fazer" em vez da observação e da reflexão. Indivíduos com essa abordagem aprendem por meio da ação, enfrentando desafios de forma ativa, assumindo riscos quando necessário e valorizando iniciativas práticas no ambiente em que estão inseridos.

Ainda, segundo Cerqueira (2008), os estilos de aprendizagem estão ligados ao modo pelo qual os indivíduos interagem com as situações de aprendizagem, compreendendo os fatores cognitivos, afetivos, físicos e ambientais que podem favorecer o processamento das informações. Deste modo Kolb aponta para quatro estilos de aprendizagem (quadro 1):

Quadro 1 - Estilos de aprendizagem segundo Kolb (1984)

Estilo	Como Aprende Melhor	Conceito Central	Características
Convergente	Pensando e fazendo (abstração + ação prática)	Foca na solução de problemas e na aplicação de ideias em tarefas específicas	Lógico, técnico, prefere problemas objetivos, menos sensível a questões interpessoais
Divergente	Sentindo e observando (vivência + reflexão)	Foca em gerar ideias, ver situações sob vários pontos de vista	Criativo, emocional, empático, interessado em pessoas e em experiências humanas
Assimilador	Pensando e observando (análise + reflexão)	Foca em compreender informações e construir modelos teóricos	Analítico, organizado, valoriza conceitos e teorias mais do que aplicações práticas
Acomodador	Sentindo e fazendo (vivência + ação prática)	Foca na ação, na experimentação, aprende com tentativa e erro	Intuitivo, prático, gosta de desafios e novas experiências, toma decisões rápidas

Fonte: Elaboração própria (2025)

No contexto educacional, o professor pode refletir sobre sua prática ao compreender os estilos de aprendizagem dos alunos, facilitando a construção do conhecimento e o aprimoramento dos próprios estilos de aprendizagem (Fry; Kolb, 1979). Segundo Cardoso *et al.* (2022), indivíduos com estilo divergente são reflexivos e abertos a novas ideias, enquanto os convergentes se destacam pelo raciocínio lógico e resolução de problemas. Já os acomodadores aprendem por ações e erros, e os assimiladores priorizam conceitos e teorias. Para Cerqueira (2008), a abordagem pedagógica de Alonso, Gallego e Honey (1994) facilita o diagnóstico técnico e objetivo das características dos alunos.

O estudo conduzido por Condé, Nascimento e Baldo (2024) apresenta uma relevante contribuição para a Educação Profissional e Tecnológica, ao propor uma ação formativa voltada a docentes que atuam com a Educação de Jovens e Adultos integrada à EPT (PROEJA), em um contexto atravessado por rupturas e desafios decorrentes da pandemia. A partir do referencial teórico de David Kolb e de sua Teoria da Aprendizagem Experiencial (TAE), aliada ao uso das Metodologias Ativas (MA) e da andragogia, o estudo estrutura uma proposta pedagógica que considera os diferentes estilos de aprendizagem — divergente, assimilador, convergente e acomodador — como base para o planejamento de Sequências Didáticas (SD) mais efetivas e personalizadas. O percurso formativo descrito contempla quatro módulos que promovem o acolhimento, a reflexão sobre os fundamentos da EPT, a inserção de práticas disruptivas e o uso de tecnologias educacionais. Os docentes participantes são convidados a identificar seu perfil de aprendizagem por meio do questionário de Kolb, refletindo sobre suas práticas e elaborando SDs coerentes com os perfis dos estudantes e com os princípios da aprendizagem significativa. A proposta valoriza o protagonismo do professor como mediador consciente do processo educativo, capaz de planejar de modo estratégico e tático, considerando as exigências do ensino híbrido e os contextos de vulnerabilidade dos estudantes da EJA. Dessa forma, o

trabalho se destaca por articular teoria e prática, contribuindo para uma docência mais responsiva, reflexiva e centrada nos sujeitos em aprendizagem, promovendo inovação pedagógica na EPT.

O estudo conduzido por Ito *et al.* (2024) apresenta uma contribuição ao campo educacional ao propor a ferramenta LStyle, criada com o objetivo de identificar os estilos de aprendizagem dos alunos em diferentes contextos educativos. Fundamentada nos modelos teóricos de Honey-Alonso e Kolb, a ferramenta oferece uma base sólida para que educadores escolham o inventário mais adequado à realidade de suas turmas, promovendo uma educação mais sensível às individualidades. Essa proposta ganha ainda mais relevância em uma sociedade marcada pela diversidade cultural, socioeconômica e cognitiva, como é o caso do Brasil. A possibilidade de personalizar o ensino por meio da identificação dos estilos de aprendizagem tem implicações sociais profundas, na medida em que contribui para a construção de uma educação equitativa e inclusiva. A LStyle atua, assim, como uma ponte entre ciência, tecnologia e sociedade, ao traduzir avanços teóricos em soluções práticas para o cotidiano escolar, favorecendo a criação de ambientes de aprendizagem que acolham as diferenças e combatam as desigualdades. O reconhecimento da pluralidade de estilos pelos professores favorece a estruturação de espaços pedagógicos mais acessíveis e significativos, o que, por sua vez, fortalece a permanência e o sucesso escolar dos estudantes, sobretudo daqueles que enfrentam barreiras históricas de acesso e aprendizado.

Enquanto, a pesquisa desenvolvida por Costa *et al.* (2025) contribui para a compreensão dos estilos de aprendizagem no ensino superior ao identificar, com base no modelo de Kolb (1984), o estilo Convergente como predominante entre os estudantes dos cursos de Administração e Secretariado Executivo Bilíngue do campus IV da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Esse estilo, caracterizado pela habilidade de aplicar ideias de forma prática e resolver problemas técnicos, está fortemente alinhado às exigências de um mercado de trabalho dinâmico, que demanda soluções ágeis e assertivas, especialmente nos campos da gestão e da atuação secretarial. O estudo evidencia que os estudantes demonstram maior afinidade com atividades que envolvem análise, experimentação ativa e aplicação concreta de conceitos, o que sinaliza para os docentes a importância de utilizar metodologias centradas em projetos, estudos de caso e simulações profissionais. No entanto, os autores também chamam atenção para a necessidade de diversificar essas estratégias didáticas, explorando os demais estilos de aprendizagem (Divergente, Assimilador e Acomodador), de forma a ampliar o repertório formativo dos alunos e prepará-los para contextos profissionais multifacetados. Essa

abordagem favorece o desenvolvimento de competências mais abrangentes, reforçando a ideia de que a compreensão e valorização dos estilos de aprendizagem são essenciais não apenas para a eficácia do ensino, mas também para uma formação integral que considere a multiforme capacidade dos indivíduos em aprender e se adaptar a diferentes desafios.

Assim, no âmbito profissional, os estilos de aprendizagem são fundamentais. Azevedo e Zampa (2021) destacam que divergentes geram novas ideias e têm visão ampla, enquanto convergentes resolvem problemas e aplicam ideias. Os assimiladores criam modelos teóricos, e os acomodadores aprendem com prática e intuição. Assim, adaptar estratégias a esses estilos melhora o aprendizado, promove inclusão e otimiza resultados no ambiente educacional e profissional.

2.3 APRENDIZAGEM EXPERIENCIAL NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

A aprendizagem experiencial, fundamentada na Teoria de Kolb, tem se consolidado como um referencial teórico relevante para a Educação Profissional e Tecnológica (EPT), sobretudo por sua capacidade de articular teoria e prática em contextos formativos orientados ao trabalho. Para Ferry e Fiuza (2023) metodologias ancoradas no ciclo experiencial — experiência concreta, observação reflexiva, conceituação abstrata e experimentação ativa — favorecem o engajamento discente, a compreensão conceitual e a contextualização dos conteúdos em áreas técnicas e tecnológicas. Ao reconhecer a centralidade da experiência no processo educativo, demonstra-se a pertinência da aprendizagem experiencial para compreender os processos formativos na EPT, seja a partir da análise de práticas pedagógicas específicas, como a modelagem científica e o ensino de Física, seja pela compreensão dos percursos formativos vivenciados pelos estudantes em atividades práticas (Araújo; Farias, 2025)

No campo da formação profissional, a aprendizagem experiencial também se articula de modo consistente com o princípio do trabalho como eixo educativo, especialmente quando analisada a partir de situações formativas intencionalmente planejadas, como o estágio supervisionado. Os estudos de Alencar e Sanches (2022) demonstram que o estágio, compreendido como situação específica de aprendizagem, materializa o ciclo experiencial ao promover a integração entre ação, reflexão, conceituação e experimentação em contextos reais de trabalho. Essa abordagem fortalece a compreensão de que a EPT se beneficia de experiências

formativas que ultrapassam a mera aplicação técnica, favorecendo o desenvolvimento de competências profissionais, a formação integral e a capacidade reflexiva dos sujeitos, em consonância com as demandas do mundo do trabalho e da formação cidadã.

Outro eixo relevante, refere-se à identificação e ao mapeamento dos estilos de aprendizagem como subsídio ao planejamento pedagógico. Pesquisas como as de Sonaglio, Lazzaretti e Pereira (2013) e Dias, Sasaki e Braga (2024) evidenciam empiricamente que estudantes de cursos voltados à formação profissional apresentam estilos de aprendizagem distintos, frequentemente associados à abstração, à reflexão e à valorização das experiências prévias. Esses achados reforçam a necessidade de práticas pedagógicas que considerem a heterogeneidade dos sujeitos e utilizem diagnósticos de estilos de aprendizagem como recurso estratégico para a organização do ensino, a personalização das estratégias didáticas e a promoção de ambientes formativos mais inclusivos.

Por fim, a literatura também aponta lacunas e desafios na incorporação consistente da aprendizagem experiencial nas práticas pedagógicas da EPT. Ribeiro *et al.* (2019) destacam a escassez de estudos que articulem explicitamente teorias de aprendizagem, como a de Kolb, às práticas educativas, enquanto Neves e Castro (2024) evidenciam que muitas dificuldades de aprendizagem decorrem da ausência de metodologias sensíveis às diferenças cognitivas e formativas dos estudantes. Esses trabalhos convergem ao indicar a necessidade de fundamentação teórico-pedagógica mais sólida e de planejamento docente intencional, no qual o mapeamento dos estilos de aprendizagem e a valorização da experiência dos sujeitos se constituam como elementos centrais para o fortalecimento da EPT, tanto no âmbito da prática docente quanto das políticas educacionais (Ribeiro *et al.*, 2019; Neves; Castro, 2024).

3 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como descritivo e exploratório, com abordagem quantitativa, conforme a classificação de Gil (2008; 2019), para quem a pesquisa descritiva visa descrever características de uma população ou fenômeno, sendo adequada ao mapeamento dos estilos de aprendizagem, enquanto a pesquisa exploratória é indicada quando se busca ampliar a compreensão sobre temas ainda pouco investigados, como a aplicação do modelo de Kolb na Educação Profissional. Quanto à abordagem quantitativa, Gil (2008; 2019), destaca sua pertinência em estudos que envolvem mensuração de variáveis e análise estatística dos dados. De forma complementar, Marconi e Lakatos (2017) afirmam que a pesquisa descritiva e exploratória permite observar e analisar fenômenos sem manipulá-los, e que a abordagem

quantitativa se caracteriza pelo uso de dados numéricos e técnicas estatísticas, conferindo objetividade e rigor científico à investigação.

A pesquisa foi realizada em uma unidade do SENAI localizada na Paraíba, que oferece cursos voltados para a qualificação profissional de jovens. Especificamente, o foco foi em turmas do curso de Assistente Administrativo, no qual a unidade de ensino trabalha com aproximadamente quatro turmas de Jovem Aprendiz do curso por ano. Cada turma possui uma média de 15 estudantes, o que permite uma abordagem mais personalizada no acompanhamento do desenvolvimento dos alunos. O tempo de conclusão do curso é de um ano, período durante o qual os estudantes adquirem as competências técnicas e comportamentais necessárias para o mercado de trabalho. Esse contexto oferece um ambiente propício para a investigação das preferências de aprendizagem dos alunos, considerando as especificidades da formação técnica e as características do público-alvo. A diversidade dos participantes permitiu uma análise representativa dos estilos de aprendizagem no contexto da educação profissional e tecnológica, em que a pesquisa teve a participação de 38 estudantes.

A coleta de dados foi realizada por meio do *Learning Style Inventory* (LSI), instrumento desenvolvido por Kolb (1984) para identificar os estilos de aprendizagem baseados em seu modelo experiencial (disposto no quadro 2). Esse processo ocorreu nos anos de 2022 e 2023, de forma presencial em sala de aula. O questionário utilizado para a coleta dos dados consistiu em 12 sentenças, nas quais os alunos deveriam atribuir um número de 1 a 4, de acordo com a intensidade de correspondência de cada sentença com o seu estilo de aprendizagem. Cada sentença ofereceu quatro opções (A, B, C e D), e os estudantes precisavam indicar o número correspondente à opção que mais refletia sua maneira de aprender, sendo que o número 4 representava a opção mais representativa do seu estilo, e o número 1 a opção menos representativa. Ao final do preenchimento, os alunos transferiam as respostas para um gabarito, atribuindo o número escolhido à sentença específica. Por exemplo, se a sentença fosse "Eu prefiro aprender com a prática", e o estudante acreditasse que a opção "D" (relacionada à ação prática) mais se ajustava ao seu estilo de aprendizagem, ele atribuiria o número 4 a essa sentença no gabarito. Ao concluir o preenchimento, o número atribuído a cada sentença era somado e utilizado para calcular a média de cada estilo de aprendizagem, permitindo assim identificar as preferências predominantes de cada aluno. Os dados foram coletados por meio de uma aplicação do questionário de forma presencial, em sala de aula, entre 2022 e 2023. Logo a seguir, no quadro 2, são apresentadas as sentenças que os estudantes responderam.

Quadro 2 - Inventário de Estilos de Aprendizagem desenvolvido por Kolb (1984)

Sentenças	A		B		C		D	
1-Enquanto aprendo...		gosto de lidar com meus sentimentos		gosto de pensar sobre ideias		gosto de estar fazendo coisas		gosto de observar e escutar
2. Aprendo melhor quando...		ouço e observo com atenção		me apoio em pensamento lógico		confio em meus palpites e impressões		trabalho com afinco para executar a tarefa
3. Quando estou aprendendo...		tendo a buscar explicações para as coisas		sou responsável acerca das coisas		fico quieto e concentrado		tenho sentimentos e reações fortes
4. Aprendo...		sentindo		fazendo		observando		pensando
5. Enquanto aprendo...		me abro a novas experiências		examino todos os ângulos da questão		gosto de analisar as coisas, desdobrá-las em partes		gosto de testar as coisas
6. Enquanto estou aprendendo...		sou uma pessoa observadora		sou uma pessoa ativa		sou uma pessoa intuitiva		sou uma pessoa lógica
7. Aprendo melhor através de...		observação		interações pessoais		teorias racionais		oportunidades para experimentar e praticar
8. Enquanto aprendo...		gosto de ver os resultados do meu trabalho		gosto de ideias e teorias		penso antes de agir		sinto-me pessoalmente envolvido no assunto
9. Aprendo melhor quando...		me apoio em minhas observações		me apoio em minhas impressões		posso experimentar coisas por mim mesmo		me apoio em minhas ideias
10. Quando estou aprendendo...		sou uma pessoa compenetrada		sou uma pessoa flexível		sou uma pessoa responsável		sou uma pessoa racional
11. Enquanto aprendo...		me envolvo todo		gosto de observar		avalio as coisas		gosto de estar ativo
12. Aprendo melhor quando...		analiso as ideias		sou receptivo e de mente aberta		sou cuidadoso		sou prático

Fonte: Kolb (1984)

Após a coleta, os dados foram analisados utilizando técnicas de estatística descritiva para identificar padrões e tendências nos estilos de aprendizagem dos jovens. Os resultados serão apresentados por meio de tabelas e gráficos comparativos, permitindo visualizar as diferenças e prevalências dos estilos de aprendizagem segundo o modelo de Kolb. A análise dos dados envolveu o cálculo das médias, desvios padrão e frequências relativas para entender as preferências de aprendizagem dos estudantes. As médias fornecem uma visão geral dos estilos predominantes entre os participantes, enquanto os desvios padrão indicam a dispersão

das respostas, permitindo avaliar os quão homogêneos ou heterogêneos são os perfis de aprendizagem. Já as frequências relativas, calculadas a partir da divisão da frequência absoluta de cada estilo pelo total de respostas, possibilitaram identificar a proporção de estudantes que se inclinam para cada estilo de aprendizagem, complementando a análise das médias e desvios padrão e oferecendo uma visão mais detalhada sobre a distribuição e variação das preferências dos estudantes. A ferramenta utilizada para organizar e realizar os cálculos na pesquisa foi o Excel.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A primeira análise realizada consistiu no cálculo dos estilos de aprendizagem de cada respondente, a partir da somatória dos valores atribuídos às quatro dimensões: Experiência Concreta (EC), Observação Reflexiva (OR), Conceitualização Abstrata (CA) e Experimentação Ativa (EA). Para cada aluno, foram somados os números atribuídos a cada uma dessas dimensões nas 12 sentenças do questionário, resultando em um valor total para cada estilo. Com base nesses valores totais, foi calculada a média de cada estilo de aprendizagem, que indicou a tendência predominante da amostra. Além disso, o desvio padrão foi calculado para cada estilo, permitindo avaliar a dispersão dos resultados e identificar a variabilidade nas preferências de aprendizagem entre os estudantes. Esse processo possibilitou uma análise do perfil de aprendizagem dos respondentes, oferecendo uma visão quantitativa de suas preferências e comportamentos educacionais.

Tabela 3 - Cálculo das dimensões de aprendizagem

CÓDIGO	EC	OR	CA	EA
HOMEM 01	18	33	43	24
HOMEM 02	26	16	35	36
HOMEM 03	24	33	34	25
HOMEM 04	20	42	24	34
HOMEM 05	25	25	27	38
HOMEM 06	26	40	23	35
HOMEM 07	21	25	29	38
HOMEM 08	23	25	36	36
HOMEM 09	20	33	32	29
HOMEM 10	16	37	28	39
HOMEM 11	22	34	32	28
HOMEM 12	21	37	31	32
HOMEM 13	21	34	33	32
HOMEM 14	24	38	37	21
HOMEM 15	16	32	38	35
HOMEM 16	24	35	31	30
HOMEM 17	19	36	36	27
HOMEM 18	24	30	32	29
HOMEM 19	34	32	28	34
MULHER 01	21	35	23	42
MULHER 02	29	31	27	32
MULHER 03	26	38	25	30
MULHER 04	17	42	34	31
MULHER 05	27	32	21	35
MULHER 06	28	33	30	30
MULHER 07	34	25	29	27
MULHER 08	34	38	27	31
MULHER 09	16	40	29	38
MULHER 10	19	42	28	31
MULHER 11	30	17	37	36
MULHER 12	22	42	24	32
MULHER 13	21	40	24	32
MULHER 14	27	39	30	27
MULHER 15	21	35	23	40
MULHER 16	22	46	24	32
MULHER 17	23	42	31	26
MULHER 18	25	34	37	24
MULHER 19	19	44	27	35
MÉDIA	23,29	34,53	29,97	31,92
DESVIO PADRÃO	4,77	6,85	5,15	4,85

Fonte: Elaboração Própria (2024)

Os cálculos estatísticos das médias e desvios padrões dessas dimensões fornecem um panorama abrangente sobre as preferências de aprendizagem dos participantes e a variabilidade entre eles. A média da Experiência Concreta foi de 23,29, com um desvio padrão de 4,77. Este valor sugere que, em média, os participantes tendem a valorizar as experiências práticas e vivenciais, embora com uma variação considerável entre os indivíduos. O desvio padrão relativamente baixo, se comparado a outras dimensões, indica que a tendência de priorizar a vivência prática é um traço comum entre os participantes, embora existam variações que refletem as diferentes formas de interação com experiências concretas. Em termos gerais, isso

sugere que a maioria dos participantes prefere aprender por meio de experiências diretas, mas a intensidade dessa preferência pode variar.

Na Observação Reflexiva, a média observada foi de 34,53, com um desvio padrão de 6,85. Este dado revela uma forte tendência entre os participantes para a reflexão e análise detalhada das situações. A média relativamente alta indica que muitos dos participantes tendem a refletir profundamente antes de tomar decisões ou formular conclusões. O desvio padrão mais elevado em comparação com as outras dimensões sugere uma maior variabilidade nos comportamentos reflexivos dos indivíduos, indicando que, enquanto alguns participantes apresentam um alto nível de reflexão, outros podem se engajar menos nesse tipo de processamento. Essa diversidade pode refletir diferentes estratégias de aprendizado utilizadas pelos participantes em suas interações com o conteúdo.

A média da Conceitualização Abstrata foi de 29,97, com um desvio padrão de 5,15. Este valor indica que, em média, os participantes possuem uma boa capacidade de organizar e sistematizar informações, enfatizando o pensamento lógico e teórico. A média relativamente alta sugere que a maioria dos indivíduos se beneficia de processos mentais que envolvem análise conceitual e teórica. O desvio padrão, que não é muito elevado, aponta para uma certa uniformidade nas preferências dos participantes em relação à abordagem mais estruturada e sistemática do aprendizado. Isso implica que, embora todos os participantes apresentem uma tendência para o pensamento abstrato, essa abordagem é amplamente utilizada entre o grupo, com algumas diferenças individuais.

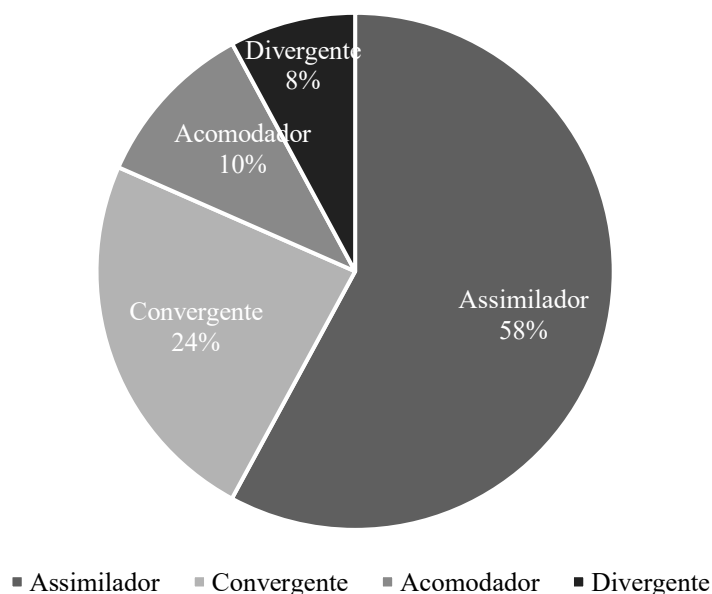
Por fim, a Experimentação Ativa apresentou uma média de 31,92, com um desvio padrão de 4,85. Esse valor indica uma forte tendência dos participantes a aprender por meio da ação e da prática. A média alta sugere que a maioria dos indivíduos prefere colocar as mãos na massa, enfrentando desafios práticos como forma de aprender. O desvio padrão relativamente baixo também sugere que essa preferência por aprender fazendo é um traço comum entre os participantes, embora ainda haja alguma variação individual. Em geral, esse estilo de aprendizagem, voltado para a ação, é amplamente compartilhado no grupo, indicando uma inclinação para resolver problemas e adquirir conhecimento de forma prática.

Em suma, os dados indicam que as preferências de aprendizagem entre os participantes não são uniformemente distribuídas, mas há uma tendência geral para os estilos de aprendizagem Observação Reflexiva e Experimentação Ativa, seguidos por Conceitualização Abstrata e, por último, Experiência Concreta. Essa diversidade de perfis de aprendizagem corrobora a ideia defendida por Jacobsohn (2003), de que os estilos de aprendizagem variam

ao longo do tempo e de indivíduo para indivíduo, o que reforça a necessidade de abordagens educacionais flexíveis.

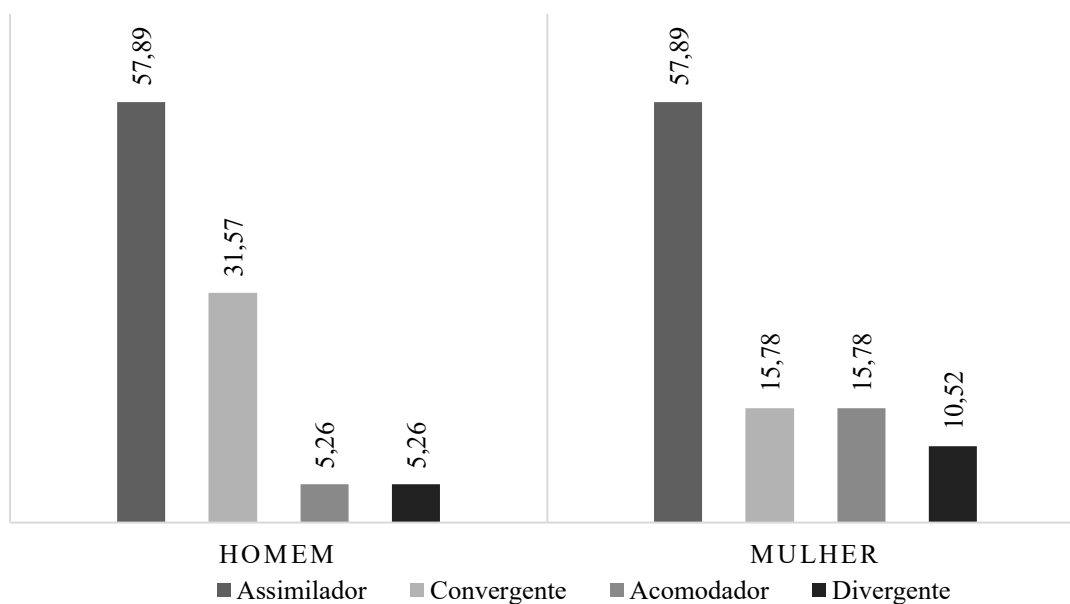
Em relação a análise da frequência relativa dos estilos de aprendizagem (Figura 1) revelou tendências interessantes entre os participantes, tanto no grupo total quanto por gênero. O estilo mais predominante foi o Assimilador, representando 57,89% do total de respostas. Este resultado sugere que a maioria dos participantes prefere aprender de forma lógica e teórica, organizando informações e refletindo sobre elas. O Convergente, que também aparece com frequência significativa (23,68%), reflete uma inclinação para a aplicação prática e a resolução de problemas, sendo o segundo estilo mais comum. Por outro lado, os estilos Acomodador e Divergente apareceram com menor frequência (10,52% e 7,88%, respectivamente), indicando que menos pessoas adotam uma abordagem focada na experimentação prática ou na análise criativa e exploratória.

Figura 1 – Frequência relativa (%) dos estilos de aprendizagem



Quando são analisados os dados por gênero (Figura 2), observa-se pequenas diferenças. No caso dos homens, o Assimilador foi o estilo mais predominante, representando 57,89% dos participantes masculinos, seguido por Convergente (31,57%), com as outras duas categorias (Divergente e Acomodador) aparecendo com uma frequência muito baixa (5,26% cada). Isso sugere que os homens nesse grupo têm uma forte tendência para aprender de maneira teórica e lógica, e menos para a experimentação prática ou criativa. Já entre as mulheres, o estilo Assimilador também foi o mais comum, com a mesma frequência (57,89%), enquanto as outras categorias apresentaram uma distribuição mais equilibrada. O Convergente (15,78%) e o Acomodador (15,78%) tiveram a mesma frequência, ao passo que o Divergente obteve o menor percentual (10,52%) da amostra. Isso pode indicar uma maior diversidade nas preferências de aprendizagem dentro deste grupo, com algumas mulheres demonstrando uma tendência mais voltada para aprender por meio da experiência prática ou pela exploração de diferentes perspectivas.

Figura 2 - Frequência relativa (%) dos estilos de aprendizagem por gênero



Fonte: Elaboração própria (2024)

A lógica aplicada para determinar o estilo de aprendizagem segue a comparação entre as somatórias das quatro dimensões: Experiência Concreta, Observação Reflexiva, Conceitualização Abstrata e Experimentação Ativa. Esta análise baseia-se em duas diferenças principais: a primeira, entre CE e OR, avalia se a pontuação da Experiência Concreta é maior ou menor que a de Observação Reflexiva; a segunda, entre CA e EA, verifica se a pontuação da Conceitualização Abstrata for maior ou menor que a da Experimentação Ativa. A combinação dessas comparações permite classificar o estilo de aprendizagem em um dos quatro perfis definidos por Kolb. O quadro 3, ilustra de forma clara como essa lógica é aplicada.

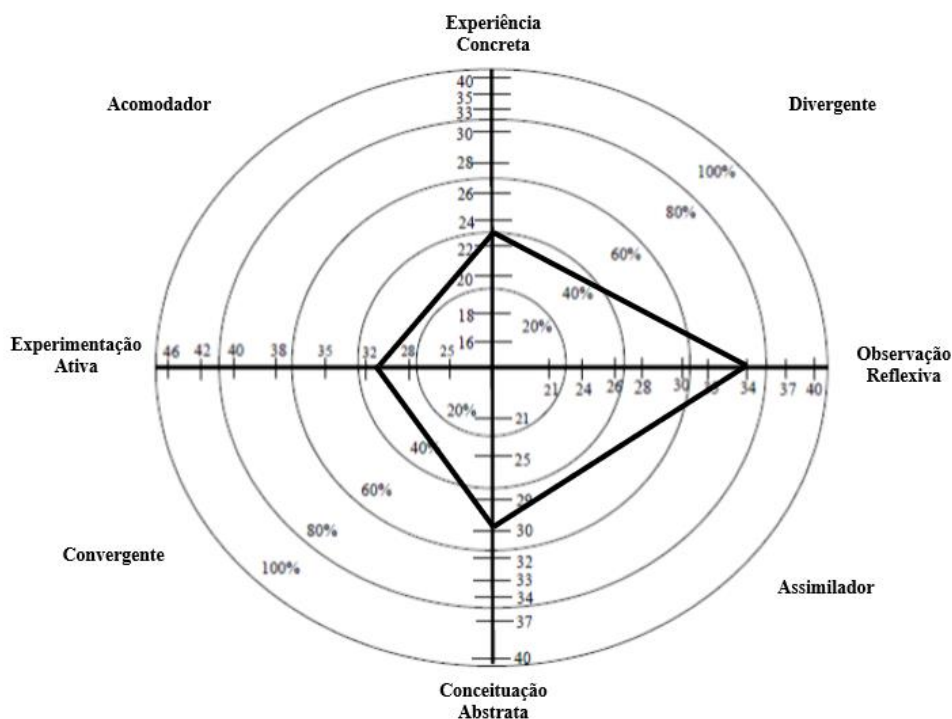
Tabela 4 - Classificação dos Estilos de Aprendizagem com Base nas Comparações das Dimensões com base em Kolb (1984)

Estilo	Condição
Convergente	O aluno apresenta maior pontuação em Conceitualização Abstrata (CA) e Experimentação Ativa (EA), e menor pontuação em Experiência Concreta (EC) e Observação Reflexiva (OR). Esse padrão caracteriza o estilo Convergente.
Assimilador	O aluno tem uma pontuação maior em Conceitualização Abstrata (CA), mas menor em Experimentação Ativa (EA), e um equilíbrio nas alcançadas de EC e OR, caracterizando o estilo Assimilador.
Divergente	O aluno tem uma pontuação maior em Experiência Concreta (EC) e Observação Reflexiva (OR), com pontuação menor em Conceitualização Abstrata (CA) e Experimentação Ativa (EA). Esse perfil caracteriza o estilo Divergente.
Acomodador	Se nenhuma das condições anteriores para atendimento for atendida, o aluno apresenta alta pontuação em Experimentação Ativa (EA) e Experiência Concreta (EC), com menor pontuação em Conceitualização Abstrata (CA) e Observação Reflexiva (OR), caracterizando o estilo Acomodador.

Fonte: Elaboração Própria (2024)

Com base nos resultados da pesquisa, pode-se identificar que o perfil predominante dos jovens aprendizes no curso de Assistente Administrativo, nos anos de 2022 e 2023, em uma escola do SENAI na Paraíba, foi o estilo Assimilador, caracterizado pelas dimensões Abstrata e Reflexiva. Esse perfil indica que os estudantes têm uma preferência por aprender por meio de análises teóricas, priorizando a organização e a reflexão sobre as informações antes de aplicá-las. Essa abordagem de aprendizagem sugere que, no contexto educacional, os métodos que envolvem leituras analíticas, estudos de casos e palestras são mais eficazes para esses alunos. Além disso, no contexto profissional, esse estilo reflete uma tendência dos aprendizes em se destacar em atividades que exijam planejamento, análise de processos e resolução de problemas de maneira estruturada e lógica, características valorizadas em funções administrativas. Na figura 3, é apresentado o mapa do perfil de aprendizagem da turma, com base nas médias obtidas na tabela 1.

Figura 3 - Perfil de aprendizagem dos jovens aprendizes segundo o modelo de aprendizagem de Kolb (1984)



Fonte: Elaboração própria (2024)

Vale salientar, que a intenção deste estudo não é apresentar um perfil ideal dos estudantes que integraram o escopo da pesquisa, No entanto, ao mapear os estilos de aprendizagem predominantes, torna-se possível que os professores e a gestão escolar adaptem estratégias pedagógicas e educacionais alinhadas aos modos de aprendizagem mais frequentes entre os estudantes. Além disso, essa identidade permite não apenas atender às preferências de aprendizado, mas também criar oportunidades para desenvolver e aprimorar estilos que não estão tão bem instalados, promovendo uma experiência educacional mais inclusiva e completa (Jacobsohn, 2003).

4.1 IMPLICAÇÕES NAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS

Os achados deste estudo apresentam implicações para o planejamento e a prática pedagógica, especialmente na educação profissional. A predominância das dimensões Observação Reflexiva (média = 34,53) e Experimentação Ativa (média = 31,92) entre os estudantes indica uma inclinação para estilos de aprendizagem que valorizam tanto a análise crítica quanto a aplicação prática dos conteúdos. Essa combinação aponta para a relevância de

metodologias que conciliem momentos de reflexão aprofundada com experiências concretas de aprendizagem.

Diante disso, os docentes são chamados a repensar suas estratégias didáticas de modo a integrar atividades que promovam o debate, a análise de casos, a observação crítica de fenômenos e, simultaneamente, estimulem a ação, o teste de hipóteses e a resolução de problemas em contextos reais ou simulados. A adoção de metodologias ativas, como estudos de caso, oficinas práticas e simulações, pode atender com maior eficácia às preferências do grupo estudado, favorecendo um ensino mais engajante e significativo.

Assim, isso reforça as contribuições apresentadas por Condé, Nascimento e Baldo (2024), ao evidenciarem a importância da consideração dos estilos de aprendizagem para a qualificação docente na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Tal como na proposta de ação formativa para o PROEJA, os dados analisados indicam que práticas pedagógicas mais eficazes emergem quando o docente atua como mediador reflexivo, incorporando metodologias ativas e respeitando a diversidade de estilos de aprendizagem de seus estudantes.

Ressalta-se também, a estratégia Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP). Essa abordagem se alinha à natureza prática dos cursos de formação profissional, nos quais o uso de projetos é uma ferramenta recorrente, como apontam Santos et al. (2019). A ABP é uma metodologia centrada no estudante que vai além da simples utilização de projetos como parte da avaliação: ela estrutura o percurso formativo em torno de desafios reais, promovendo o desenvolvimento das chamadas competências do século XXI — pensamento crítico, criatividade, colaboração e comunicação. Os autores destacam que, ao aplicar projetos, os professores percebem avanços significativos em habilidades sociais e organizacionais dos estudantes, possibilitando a produção colaborativa e o engajamento em discussões ao longo do processo. Além disso, os alunos demonstram capacidade de tomar decisões e de sintetizar e apresentar publicamente seus resultados de forma clara e fundamentada, o que evidencia o desenvolvimento das competências previstas no Framework 4Cs.

Enquanto, a média relativamente expressiva observada na Conceitualização Abstrata (29,97) reforça a importância de manter espaços para a sistematização do conhecimento, por meio da introdução de conceitos teóricos, construção de modelos e estímulo ao raciocínio lógico. Assim, o equilíbrio entre teoria e prática deve ser uma diretriz no desenho curricular, permitindo que os alunos transitem entre diferentes modos de aprender e ampliem seu repertório cognitivo.

A dimensão Experiência Concreta, embora com média inferior (23,29), ainda revelou uma presença relevante entre os participantes, o que exige atenção especial à valorização das vivências individuais e emocionais dos estudantes. Nesse caso, incorporar momentos de escuta ativa, compartilhamento de experiências e empatia pode contribuir para um ambiente educacional mais inclusivo e humanizado.

Além disso, os dados revelam uma discreta variabilidade nos estilos de aprendizagem entre os alunos, especialmente na dimensão reflexiva (desvio padrão = 6,85), o que ressalta a necessidade de personalizar o ensino, respeitando as diferentes formas de aprender. Ferramentas como o LStyle, descrito por Ito *et al.* (2024), podem auxiliar os educadores a diagnosticar os perfis de aprendizagem e, a partir disso, propor experiências mais adaptadas às características dos estudantes.

Conclui-se que a predominância das dimensões Observação Reflexiva e Experimentação Ativa, bem como do estilo Assimilador entre os jovens aprendizes investigados, converge com os achados de Ferry e Fiuza (2023), que destacam que práticas formativas na EPT tendem a mobilizar de forma relativamente equilibrada os diferentes momentos do ciclo experiencial, favorecendo o engajamento e a compreensão conceitual. Ainda que o presente estudo não tenha analisado diretamente uma metodologia específica, os dados indicam que os estudantes valorizam processos reflexivos e analíticos, o que reforça a centralidade da experiência mediada pela reflexão, conforme defendido pela aprendizagem experiencial.

Os achados também ampliam as contribuições de Araújo e Farias (2025), ao deslocar o foco da análise de práticas pedagógicas disciplinares para o mapeamento diagnóstico dos estilos de aprendizagem em um contexto de formação profissional inicial. No que se refere à articulação entre aprendizagem experiencial e trabalho como princípio educativo, os resultados dialogam com Alencar e Sanches (2022), ao evidenciar que, mesmo em cursos voltados à prática profissional, os estudantes não aprendem exclusivamente pela ação, mas pela combinação entre reflexão, sistematização conceitual e aplicação prática.

Ainda, os resultados confirmam ainda evidências empíricas apresentadas por Sonaglio, Lazzaretti e Pereira (2013) e Dias, Sasaki e Braga (2024), que identificaram a predominância de estilos reflexivos e abstratos em cursos voltados à formação profissional. A semelhança desses achados reforça que o mapeamento dos estilos de aprendizagem constitui um recurso estratégico para lidar com a heterogeneidade dos sujeitos na EPT, subsidiando práticas pedagógicas mais personalizadas e inclusivas.

Sendo assim, os resultados desta pesquisa dialogam com metas específicas da Agenda 2030 da ONU, sobretudo no âmbito dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 4 e 8. No que se refere ao ODS 4 – Educação de Qualidade, destaca-se a meta 4.3, que visa "assegurar o acesso equitativo para todos os homens e mulheres à educação técnica, profissional e superior de qualidade", e a meta 4.4, que propõe "aumentar substancialmente o número de jovens e adultos com competências relevantes, inclusive competências técnicas e profissionais, para emprego, trabalho decente e empreendedorismo". Os achados da pesquisa, ao indicarem a eficácia de metodologias como a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) na formação profissional, contribuem diretamente para o alcance dessas metas, ao promover uma aprendizagem mais ativa, inclusiva e alinhada às exigências do século XXI. No âmbito do ODS 8 – Trabalho Decente e Crescimento Econômico, a meta 8.6, busca "reduzir substancialmente a proporção de jovens sem emprego, educação ou formação", o que reforça a importância de práticas pedagógicas que favoreçam o engajamento, o desenvolvimento de competências socioemocionais e a preparação efetiva dos estudantes para o mundo do trabalho.

Por fim, os resultados corroboram a tese de que reconhecer e considerar os estilos de aprendizagem no planejamento pedagógico é uma ação estratégica não apenas para potencializar o desempenho acadêmico, mas também para promover inclusão, equidade e o desenvolvimento de competências socioemocionais no processo educativo. Docentes que compreendem essas diferenças contribuem para a formação de sujeitos mais autônomos, criativos e preparados para os múltiplos desafios do mundo do trabalho e da vida em sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo mapear os estilos de aprendizagem de jovens aprendizes em uma escola profissionalizante na Paraíba, segundo o método de Kolb (1984), a fim de analisar suas implicações para o planejamento pedagógico, a escolha de metodologias ativas e o aprimoramento das práticas educacionais na EPT, objetivo que foi alcançado. Os resultados evidenciaram a predominância do estilo Assimilador, caracterizado pela ênfase na conceitualização abstrata e na observação reflexiva, indicando que os estudantes tendem a aprender de forma mais eficaz por meio da análise, da organização lógica das informações e da reflexão teórica prévia à aplicação prática. Esse achado reforça a importância de estratégias pedagógicas que valorizem a sistematização conceitual articulada a situações formativas

contextualizadas, oferecendo subsídios relevantes para o planejamento pedagógico e para a tomada de decisão educacional na instituição investigada.

À luz da Teoria da Aprendizagem Experiencial de Kolb, os resultados confirmam que a aprendizagem na EPT não se restringe à execução de tarefas práticas, mas se constrói a partir da articulação entre experiência, reflexão, conceituação e experimentação. A predominância do estilo Assimilador indica que, mesmo em cursos voltados à formação profissional, os estudantes demandam espaços formativos que favoreçam a compreensão teórica e a reflexão crítica sobre a prática, em consonância com os princípios da EPT, especialmente o trabalho como eixo educativo e a formação integral. Nesse sentido, metodologias como a ABP mostram-se particularmente adequadas, ao possibilitar a integração entre teoria e prática e o desenvolvimento de competências essenciais ao século XXI, como pensamento crítico, criatividade, colaboração e comunicação.

Do ponto de vista das contribuições práticas, os resultados apontam caminhos para o aprimoramento das práticas pedagógicas, ao indicar que o reconhecimento dos diferentes estilos de aprendizagem pode potencializar o desempenho acadêmico e ampliar as oportunidades de inserção profissional dos estudantes. Ressalta-se, contudo, que o objetivo deste estudo não é estabelecer um perfil ideal de aprendiz, mas oferecer subsídios diagnósticos para que professores e gestores escolares adaptem suas metodologias às características individuais e coletivas dos estudantes, promovendo uma educação mais inclusiva, significativa e socialmente comprometida, em consonância com os princípios defendidos pela Agenda 2030 da ONU.

No que se refere às limitações, destaca-se que a pesquisa foi realizada em um único contexto educacional, com uma amostra específica de jovens aprendizes e em um único momento de coleta de dados, no início do curso. Essas delimitações metodológicas e contextuais restringem a generalização dos resultados e não permitem observar possíveis mudanças nos estilos de aprendizagem ao longo do processo formativo. Além disso, a abordagem quantitativa, embora adequada aos objetivos do estudo, não possibilita uma compreensão aprofundada das percepções e experiências subjetivas dos estudantes.

Como agenda de pesquisas futuras, recomenda-se a ampliação do estudo para diferentes instituições, cursos e contextos socioeconômicos, bem como a realização de investigações longitudinais que permitam analisar a evolução dos estilos de aprendizagem ao longo da formação profissional. Sugere-se ainda a articulação entre abordagens quantitativas e qualitativas, de modo a aprofundar a compreensão dos processos vivenciados pelos estudantes, assim como a investigação das relações entre estilos de aprendizagem, desempenho acadêmico,

permanência e inserção no mundo do trabalho. Tais desdobramentos podem contribuir tanto para o avanço teórico da aprendizagem experiencial na EPT quanto para o aprimoramento das práticas pedagógicas e das políticas educacionais voltadas à formação profissional.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, J. V. de; SANCHES, K. L. A importância do estágio supervisionado na educação profissional técnica de nível médio. **Revista Educar Mais**, v. 6, p. 795–812, 2022. DOI: 10.15536/reducarmais.6.2022.2902. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/2902>. Acesso em: 5 fev. 2026.

ANDRADE, J. M.; SANTOS, K. K.; JESUS, G. S. O Programa Jovem Aprendiz E Sua Importância Para Os Jovens Trabalhadores. **Interfaces Científicas - Direito**, v. 4, n. 2, p. 45–54, 2016. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/direito/article/view/2742>. Acesso em: 2 dez. 2024.

ARAÚJO, J. V.; FARIAS, C. S. de. Aprendizagem Experiencial no Ensino de Física: Uma Revisão sobre sua Aplicação na Educação Profissional e Tecnológica. **Rebena - Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v. 11, p. 13–31, 2025. Disponível em: <https://rebena.emnuvens.com.br/revista/article/view/309>. Acesso em: 4 fev. 2026.

AZEVEDO, D. G.; ZAMPA, M. F. A teoria da aprendizagem experiencial de David Kolb na educação profissional e tecnológica: contemplando os estilos de aprendizagem em uma sequência didática. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, v. 5, n. 3, p. 5–30, 2021. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ept/article/view/779>. Acesso em: 31 dez. 2024.

BERTAIOOLI, M. A. Análise da efetividade da Lei nº 10.097/2000 e a necessidade de sua modernização para ampliar o programa jovem aprendiz. 2021. 81 f. **Dissertação (Mestrado em Administração Pública)** – Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa, Brasília, 2021.

BRASIL. **Lei nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000**. Altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110097.htm Acesso em: 10 de abril de 2025.

CARDOSO, L. A.; MACEDO, Q. L. S.; DAMASCENA, V. G.; MENEZES, D. B. Estilos de aprendizagem: uma análise a partir da proposta de Kolb. **Revista Prática Docente**, v. 7, n. 1, p. e024, 2022. Disponível em: <https://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/rpd/article/view/274>. Acesso em: 26 nov. 2024.

CERQUEIRA, T. C. S. Estilos de aprendizagem de Kolb e sua importância na educação. **Revista de Estilos de Aprendizaje**, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <https://revistaestilosdeaprendizaje.com/article/view/866>. Acesso em: 15 nov. 2024.

CONDÉ, R.; NASCIMENTO, L.; BALDO, S. Teoria experiencial de Kolb e metodologias ativas: um diálogo formativo na educação profissional e tecnológica. **Revista Ponto de Vista**, v. 13, n. 1, p. 01–18, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RPV/article/view/17679>. Acesso em: 31 dez. 2024.

COSTA, A. C. F.; LIMA, T. B. de; SANTIAGO, C. da S. Estilos de aprendizagem de estudantes dos cursos de Administração e Secretariado Executivo. **Revista Gestão em Análise**, Fortaleza, v. 14, n. 1, p. 138–154, 2025. Disponível em: <https://periodicos.unichristus.edu.br/gestao/article/view/5101>. Acesso em: 10 abr. 2025.

DIAS, Claudio Mendes; SASAKI, Daniel Guilherme Gomes; BRAGA, Marco Antonio Barbosa. Estilos de aprendizagem e o processo de clusterização: o que eles nos dizem para a formação de grupos cooperativos em matemática na EJA-EPT. **Revista Paranaense de Educação Matemática**, v. 13, n. 31, p. 1–28, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/rpem/article/view/8501>. Acesso em: 4 fev. 2026.

FERRY, A. S.; FIUZA, V. S. O papel da construção de modelos na aprendizagem experiencial: um estudo com estudantes de educação profissional e tecnológica. **ACTIO**, Curitiba, v. 8, n. 2, p. 1-21, maio/ago. 2023. Disponível em: <https://10.3895/actio.v8n2.16458>. Acesso em: 04 fev. 2026.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

ITO, G. C.; HUFF, G. F.; DAMKE, A. S. Identificação de estilos de aprendizagem: uma proposta para um ensino personalizado. **Revista Tecnologia e Sociedade**, v. 20, n. 60, p. 209-227, 2024. Disponível em: 10.3895/rt.v20n60.12240. Acesso em: 10 de abril de 2025.

JACOBSON, L. V. A contribuição do e-learning no desenvolvimento de competências do administrador: considerando o estilo de aprendizagem do aluno de graduação. 2003. **Dissertação (Mestrado em Administração)** - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

KOLB, D. A. **Experiential learning: Experience as the source of learning and development**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1984.

LIMA, A. Q. O. de; TAVARES, A. M. B. do N.; MELO, E. S. do N. History of vocational education in Brazil and its relationship with the work principle. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 4, p. e52911427447, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/27447>. Acesso em: 5 dez. 2024.

MACEDO, Y. M.; OSÓRIO, A. C. do N. Educação Profissional e Tecnológica frente às novas tendências educacionais no Brasil: por uma perspectiva Foucaultiana. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 13, n. 39, p. 01–12, 2023. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/946>. Acesso em: 2 dez. 2024.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

NASCIMENTO, M. N. História, Trabalho e Educação no Brasil: Os Primórdios da Educação Profissional. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, v. 3, n. 2, p. 15–25, 2012. <https://doi.org/10.9771/gmed.v3i2.9449>. Acesso em: 5 dez. 2024.

NEVES, D.; FERNANDES DE CASTRO, S. A prática dos professores frente às dificuldades de aprendizagem de estudantes na educação profissional e tecnológica. **Revista Teias de Conhecimento**, v. 1, n. 5, p. 09–30, 2025. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/teias/article/view/21957>. Acesso em: 5 fev. 2026.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Transformando nosso mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. 2015. Disponível em: <https://www.un.org/sustainabledevelopment/pt/>. Acesso em: 15 nov. 2024.

RAYMUNDO, G. M. C.; RAITZ, T. R.; GESSER, V. Evaluation of the teaching and learning process in technical vocational education at middle level. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 10, p. e7749109226, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/9226>. Acesso em: 15 nov. 2024.

RIBEIRO, R. J.; JUNIOR, N. S.; FRASSON, A. C.; PILATTI, L. A.; SILVA, S. C. R. Teorias de Aprendizagem em Jogos Digitais Educacionais: um Panorama Brasileiro. **RENOTE**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/57589>. Acesso em: 4 fev. 2026.

RIBEIRO, A. F. S. R. F.; GOMES, R. M. M.; SILVA, J. R. C. e; MATOS, J. D. V.; FERREIRA, J. C.; MATOS, F. B.. Uso de Jogos Digitais Educativos na Educação Profissional e Tecnológica fundamentados em Teorias de Aprendizagem. **Informática na educação: teoria & prática**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/InfEducTeoriaPratica/article/view/89784>. Acesso em: 4 fev. 2026.

SANTOS, A. P. S.; MEDEIROS, F. P.; PAZ, A.; RODRIGUES JUNIOR, J. G.; MEDEIROS, R. F. Uso de projetos em salas de aula dos Institutos Federais: uma análise sob a ótica da Aprendizagem Baseada em Projetos e das competências do século 21. **Revista Principia**, v. 1, n. 44, p. 113–121, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/principia/article/view/2090>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SONAGLIO, A. L. B.; LAZZARETTI, K.; PEREIRA, I. Estilos de Aprendizagem: um Estudo Comparativo Entre Discentes do Curso De Administração e dos Cursos de Tecnologia em Gestão. **RACE - Revista de Administração, Contabilidade e Economia**, v. 12, n. 3, p. 45–80, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/race/article/view/3506>. Acesso em: 4 fev. 2026.